

OS SERVIÇOS SECRETOS ISRAELENSES: OS OLHOS INVISÍVEIS DA MURALHA DE FERRO**TATIANA RAMOS BETTEGA¹****Resumo**

O presente artigo procura explicar o funcionamento dos serviços secretos israelenses, através de suas origens históricas e mostrando sua vital importância para a criação e manutenção do Estado de Israel e da própria nação judaico-israelense. O principal objetivo da pesquisa consiste em compreender as visões teóricas que embasam as ações pragmáticas políticas de Israel, voltadas tanto para o exterior quanto para o âmbito doméstico, e na análise de tais teorias para com o uso de uma das ferramentas coercitivas estatais, que são os órgãos de inteligência. A finalidade deste trabalho é contribuir para o conhecimento acerca do assunto, ao tratar de um tema pouco estudado no meio acadêmico brasileiro, e levantar alguns questionamentos sobre a realidade do pequeno Estado judaico e do Oriente Médio como um todo.

Palavras-chave: Serviços de inteligência, Israel, sionismo, realismo político, segurança nacional.

Abstract

This article seeks to explain the operation of the Israeli secret services, through its historical origins and their vital importance to the creation and maintenance of the

¹ Artigo científico referente ao Grupo de Pesquisa sobre Oriente Médio – promovido pelo Centro Universitário Curitiba.
Orientador: Andrew Patrick Trauman

State of Israel and the very Jewish-Israeli nation. The main objective of the research is to understand the theoretical views that support the pragmatic actions of Israel's policies, aimed both abroad and to the domestic sphere, and the analysis of such theories for the use of a state-owned coercive tool, which are the intelligence agencies. The purpose of this paper is to contribute to knowledge on the subject, when dealing with a low proportion of studies about this topic in the Brazilian academy, and raise some questions about the reality of the small Jewish state and the Middle East as a whole.

Keywords: Intelligence services, Israel, Zionism, political realism, national security.

INTRODUÇÃO

Surpresas causam crises.

Israel, o pequeno país judaico localizado na costa do Mediterrâneo, na saída do Oriente Médio para o Ocidente, é famoso por sua tortuosa história política, pelo seu brutal e eficaz exército, e seu letal serviço secreto. Este último, no entanto, é conhecido no meio público principalmente pelo nome Mossad, e pelas histórias fantásticas de operações especiais ao redor do mundo, com um misto de romantismo e misticismo.

Realmente fantásticas operações aconteceram ao longo da trajetória histórica do Mossad, porém há muito mais sobre os serviços secretos israelenses que simples narrativas românticas. Este artigo procura esclarecer o trajeto histórico da comunidade de informações de Israel, com um viés mais realista dos fatos, junto de um paralelo da história da nação judaico-israelense. Para melhor compreensão acerca do assunto, uma explicação prévia mais genérica será apresentada.

Os Estados westfalianos modernos compartilham de uma visão de mundo realista, e a sua organização interna tende a seguir o padrão que esta teoria defende. O realismo político enxerga na Sociedade Internacional um cenário anárquico, onde os Estados devem lutar pela sua própria existência. A própria natureza de Estado, segundo teorias geopolíticas como a de Rudolf Kjéllen², é comparada com a de um organismo vivo, que nasce, cresce e morre. Destarte, o instinto natural dos Estados é expandir seu território e seu *modus vivendi*, bem como lutar contra a sua falência e desaparecimento.

A segurança nacional é, portanto, condição *sine qua non* da própria condição de Estado, refletida nas Forças Armadas, que tem como função defender o território nacional de ameaças externas e as forças policiais, que trabalham para a manutenção da ordem interna. Há, porém, um terceiro ramo: os serviços de inteligência, que têm como finalidade “aumentar o grau de conhecimento sobre os adversários e os problemas que afetam a segurança estatal e nacional”³.

Serviços de inteligência são agências governamentais responsáveis pela coleta, pela análise e pela disseminação de informações consideradas relevantes para o processo de tomada de decisões e de implementação de políticas públicas nas áreas de política externa, defesa nacional e provimento de ordem pública.

[...] São organizações que desempenham atividades ofensivas ou defensivas na área de informações, em contextos adversariais onde um ator tenta compelir o outro à sua vontade. (CEPIK, 2003, p. 13 e 85).

Deste modo, os serviços de inteligência⁴, ao lado das Forças Armadas e policiais, compõem o núcleo coercitivo do Estado contemporâneo. A atividade de inteligência, todavia, trabalha de forma oculta, ao estudar seus adversários sem o

² Cientista político sueco e professor da Universidade de Upsala. Ele cunhou o termo ‘geopolítica’ em 1899, e teorizou acerca da natureza orgânica do Estado: “O Estado não é um conglomerado acidental ou artificial de vida humana que se mantém unido mediante fórmulas jurídicas; está profundamente arraigado em realidades históricas e afetivas, cresce organicamente [...] em uma palavra, é uma manifestação biológica ou um ser vivente. Como tal, os Estados estão sujeitos à lei do crescimento.” (COSTA apud KJÉLLEN, 2008, p. 57).

³ CEPIK, 2003, p. 29.

⁴ Podem ser chamados também de comunidade de informações, serviços secretos, serviços de segurança e serviços de informação. Neste trabalho poderão ser encontrados todos os termos.

conhecimento e aquiescência deles, procurando informações que são potencialmente manipuladas ou camufladas. Isso ocorre devido ao fato de que seus concorrentes também trabalham para obter informações cruciais, de modo que há uma batalha de esforços organizados para desinformar e negar conhecimentos.

A inteligência de um Estado é de fundamental valor não apenas para a defesa nacional, mas também para o processo de tomada de decisões políticas, tanto domésticas quanto externas, posto que os *policymakers* frequentemente se defrontam com barreiras e lacunas informativas, que necessitam ser removidas a fim de que possa haver uma segura decisão e ação pragmática.

A atividade de inteligência é muito antiga, datando desde os tempos do velho testamento bíblico. Foi se aperfeiçoando junto do aprimoramento das atividades diplomáticas, desde o século XVI. Contudo, os moldes contemporâneos foram cunhados desde o século XIX e principalmente durante o século XX, com o advento das duas guerras mundiais e da Guerra Fria subsequente, na qual as batalhas diretas entre as duas superpotências ocorriam exclusivamente no âmbito da inteligência e espionagem.

Durante esse período, as potências aperfeiçoaram com excelência seus serviços secretos. Foi também durante as batalhas ideológicas que separavam o mundo em polos, que nasceu a comunidade de informações israelenses, infantil em comparação às suas semelhantes ocidentais e soviéticas, porém seu amadurecimento ocorreu em tão pouco tempo que conseguiu alcançá-las e por vezes até superá-las.

Os serviços secretos israelenses

E falou o Senhor a Moisés, dizendo:

Envia homens que espiem a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel
(Números 13:1-2).

David Ben-Gurion, após proclamar o nascimento de Israel em 14 de maio de 1948, assumiu o posto máximo do poder Executivo, como primeiro-ministro, e também assumiu o comando maior do recém-formado exército, como ministro da Defesa. Os outros altos cargos políticos, hierarquicamente mais elevados, foram assumidos por membros do mesmo partido de Ben-Gurion, o Mapai⁵. Assim, o Partido Trabalhista obteve o monopólio de poder no âmbito da defesa e das relações internacionais no novo país em nascimento, excluindo a extrema-esquerda e a extrema-direita⁶ da esfera de comando.

O primeiro chefe de governo de Israel constituía um estadista realista e pragmático, que reunia o monopólio da tomada de decisões na alta esfera política. Mesmo dentro do seu próprio partido, as suas decisões individuais continham maior peso, além de ser um líder incontestável no meio público.

Na paz, assim como na guerra, Ben-Gurion manteve a determinação política firmemente em suas mãos. Ele não encorajava o debate, no governo ou no Mapai, das várias opções políticas disponíveis em Israel no final da Guerra da Independência (SHLAIM, 2000, p. 91).

Apesar da orientação de esquerda do Partido Trabalhista, e da própria admiração pessoal de Ben-Gurion para com o socialismo desde sua juventude, ele tinha um compromisso exclusivo e apaixonado para com o sionismo e, conseqüentemente, para com a criação e manutenção do Estado de Israel. Desde a década de 1930, ele liderava o Yishuv⁷ e trabalhava para que o sonho sionista se tornasse verdadeiro. Para tanto, suas ações políticas muitas vezes divergiam de

⁵ Moshe Sharett, que viria a ser o primeiro-ministro de 1954-1955, ficou como ministro das Relações Exteriores, e Eliezer Kaplan, como ministro das Finanças.

⁶ O Mapam constituía o maior partido de extrema-esquerda de Israel, enquanto que a extrema-direita era representada pelo partido Herut, que mais tarde se tornaria o atual Likud.

⁷ O Yishuv era a comunidade sionista judaica assentada na Palestina, que tinha como objetivo a colonização das terras e a consolidação de um Estado constitucional com maioria judaica, que viria a ser a pátria de todos os judeus espalhados pelo mundo. Desde 1929, o Yishuv era representado pela Agência Executiva Judaica, e em 1935, Ben-Gurion foi eleito seu dirigente, mantendo o posto até a criação do Estado de Israel.

suas pronúncias públicas, pendendo muito mais para o realismo e pragmatismo político.

Apesar de a maior parte da sociedade israelense, especialmente a elite política e militar, enxergar nos árabes um povo primitivo e não digno de grande preocupação, Ben-Gurion compartilhava de uma visão mais revisionista e realista da situação. Ele entendia que os árabes constituíam uma nação, que lutariam pelos seus direitos nacionais à terra da Palestina, e que não eram incapazes de causar grandes danos à causa sionista. Dessa forma, ele reconhecia, assim como Ze'ev Jabotinsky, o fundador o Sionismo Revisionista⁸, que o Yishuv deveria criar uma força militar invencível, a fim de se proteger e sobreviver em meio a vizinhos hostis e, finalmente, acabar com a esperança árabe de se livrarem dos judeus na Palestina.

A semelhança entre a conclusão de Ben-Gurion e aquela de Ze'ev Jabotinsky no artigo "Sobre a muralha de ferro", 13 anos antes, é surpreendente. Ambos consideravam os árabes da Palestina como um movimento nacional que, por sua própria natureza, estava fadado a resistir à intrusão do sionismo em sua terra. Ambos compreenderam que esses árabes não iriam abrir caminho voluntariamente para um estado judeu e

⁸ A visão revisionista do sionismo foi criada pelo polêmico Jabotinsky. Na década de 1920, ele criou o partido União Mundial de Sionistas Revisionistas. Ele e seus seguidores se opunham fervorosamente à liderança oficial do Yishuv, que seguia uma linha mais moderada do sionismo. O movimento ganhou extraordinária força popular a partir do relatório oficial britânico de 1922, que limitava o apoio britânico ao lar nacional judeu, impondo um embargo gradual à imigração judaica à Palestina, e concedendo uma série de vantagens à população árabe. Isto foi considerado uma traição por parte dos judeus, que contavam até então com o apoio da potência ao sionismo, especialmente com a Declaração Balfour de 1917.

Jabotinsky acreditava na Eretz Israel, a terra bíblica de Canaã, que considerava ambas as margens do rio Jordão como propriedade histórica dos judeus. Também considerava o estabelecimento do povo judeu na terra de Israel como uma implantação da civilização ocidental no Oriente, que, segundo ele, era cultural, moral e espiritualmente superior.

Em 1923, Jabotinsky escreveu o artigo "A muralha de ferro", em que reconhece o povo árabe como um povo nacional, com direitos políticos à terra da Palestina. No artigo, ele defende a ideia de que um povo nacional é um povo vivo, e que sempre irá lutar pelos seus direitos e contra a colonização de um povo estrangeiro em sua terra. Portanto, para que a comunidade sionista pudesse atingir seu fim de estabelecer o estado judeu, deveria criar uma força militar tão potente que criaria uma muralha de ferro em que os árabes não teriam o poder de destruir, acabando com o tempo com as suas esperanças de lutar contra os colonizadores judeus. Só então é que a comunidade judaica e a árabe poderiam começar a negociar assuntos como a paz e os direitos civis e nacionais (SHLAIM, 2000, p. 48-54).

que, portanto, a diplomacia era incapaz de resolver o conflito. Ambos acreditavam que os árabes iriam continuar a lutar enquanto mantivessem qualquer esperança de impedir que os judeus assumissem o controle de seu país. E ambos concluíram que somente uma força militar judaica insuperável poderia finalmente fazer os árabes desistirem da luta e concordarem com estado judeu na Palestina. Ben-Gurion não usou a terminologia da muralha de ferro, mas sua análise e conclusões eram praticamente idênticas às de Jabotinsky (SHLAIM, 2000, p. 57).

Como consequência desta visão, foi criada a Haganah⁹ na década de 1930 e ramificações foram desenvolvidas a partir dela, como o Palmach¹⁰. Assim, o Yishuv passou a se militarizar. Entretanto, Ben-Gurion compreendia que apenas a milícia paramilitar bem organizada não seria suficiente para combater a resistência árabe à completude dos objetivos sionistas, tampouco em subjugar o mandato britânico, cada vez mais aliado de seus inimigos. Seria necessária também a criação de um sistema de inteligência, no qual passaria a lutar contra seus oponentes no “mundo das sombras”. Assim, foi criado o Shai, acrônimo hebraico para *Sherut Yediot*, que significa Serviços de Informações, dentro da Haganah, por Isser Beeri e Reuven Shiloah, em 1934.

O Primeiro-Ministro David Ben-Gurion e seus colegas [...] sabiam desde o início que precisavam de excelentes informações para ajudá-los na luta pela sobrevivência. Seu país figurava entre os menores da Terra, mas teria de desenvolver os melhores serviços secretos do mundo (RAVIV; MELMAN, 1991, p. 17).

⁹ Desde o afastamento do apoio britânico aos judeus e a aproximação com os árabes, a partir da década de 1920, somado à visão revisionista do sionismo, o Yishuv passou a desenvolver o seu próprio poderio militar com a organização paramilitar Haganah, que significa defesa, para combater seus inimigos.

¹⁰ O *Pelugot Hamahatz*, ou Palmach, significa forças de ataque. Foi criado em 1941 como uma ramificação da Haganah, em reação às forças do terceiro Reich, que lutava em frentes de batalha no norte da África, na época. Após a 2ª Guerra Mundial, o Palmach passou a ser uma linha militar extremamente eficaz na luta contra o mandato britânico na Palestina e contra os árabes, especialmente durante a Guerra da Independência. Também atuou fortemente na imigração clandestina de judeus para a Palestina junto da Aliyah Bet, durante e depois da segunda Grande Guerra.

Yitzhak Rabin, futuro primeiro-ministro de Israel durante os anos de 1974-1977 e 1992-1995, foi um comandante de brigada *palmachnik* (como soldados e oficiais do Palmach são conhecidos). Outras figuras importantes foram *palmachniks*, como Moshe Dayan e Yigal Allon, ambos futuros políticos, e Rafael (Rafi) Eitan, futuro agente do Mossad e comandante do Estado-maior.

Outro objetivo fundamental do sionismo era promover a imigração do maior número de judeus possíveis para dentro da Palestina. Isto mostrava tanto o lado ideológico em trazer o povo judeu de volta à sua Terra Prometida, como também refletia o lado estratégico, em que pretendia suprimir a vantagem árabe por obter a maioria demográfica, transformando-os em um número minoritário em comparação aos judeus.

Assim, os últimos teriam maior poder de reivindicação ao território palestino perante a Comunidade Internacional. Para tanto, foi criada a Aliyah Bet¹¹, que constituía um trabalho clandestino, contrabandeando judeus para dentro do Protetorado Britânico, desobedecendo ao bloqueio para a imigração judaica do mesmo.

Logo, tanto o Shai quanto a Aliyah Bet se tornaram as sementes do que viria a ser a comunidade de informações do Estado de Israel. Ambas as instituições clandestinas passaram a atuar nos bastidores do histórico processo de criação do país judaico, ganhando vasta experiência em operações secretas, tais como contrabando de imigrantes e de armamentos bélicos, espionagem, obtenção de informações e disseminação de desinformações.

Durante a primeira guerra árabe-israelense, que teve início no dia seguinte à proclamação do Estado de Israel, a Haganah e o Palmach foram incorporados às Forças de Defesa de Israel (FDI), junto de outras facções de luta dissidentes judaicas, como o Irgun¹² e o Lehi¹³. O Shai foi dissolvido, dando lugar a quatro

¹¹ Instituto para a Imigração.

¹² A Organização Militar Nacional, ou Irgun, era uma facção dissidente da Haganah, que surgiu como reflexo do pensamento revisionista do sionismo. Eles não concordavam com a política mais passiva da cadeia de comando oficial do Yishuv, que era representado pela Haganah. Defendiam visões mais radicais, que eram refletidas em suas ações militares que beiravam o terrorismo. Liderado por Ze'ev Jabotinsky, pai do sionismo revisionista, o Irgun teve como membros futuras figuras políticas de Israel, tais como Menachen Begin, primeiro-ministro de 1977 a 1983, pelo partido político Likud.

¹³ O *Lohamei Herut Yisrael* (Combatentes pela Liberdade de Israel), ou simplesmente Lehi, também é conhecido como Gangue Stern, por ter sido chefiada por Avraham Stern. Fruto de uma dissidência dentro do Irgun, a ala mais militante deste separou-se formando o Lehi. Com ideologia mais radical, passou a combater os árabes e principalmente os britânicos de forma extremamente brutal, utilizando o terrorismo como principal arma. Também conteve membros conhecidos atualmente por suas

agências que operariam como uma comunidade: serviço de informações militares, serviço secreto interno, serviço de inteligência externo e o instituto para imigração.

O ramo militar foi chamado de Departamento de Informações do Exército e, mais tarde, ficou conhecida como Aman, acrônimo hebraico para *Agaf ha-Modi'in*. Não tão conhecido quanto o ramo externo Mossad, o Aman é, no entanto, de extrema utilidade e eficácia dentro da comunidade de informações. Dentre suas inúmeras e variadas funções, a coleta de informações sobre os exércitos árabes é a principal. Atua em todos os países vizinhos e em países de localização próxima às fronteiras israelenses, que representam alto grau de risco para Israel. Também é responsável pela censura militar da imprensa israelense, de conteúdos que podem vir a ameaçar a segurança nacional se tornarem-se públicos. O primeiro comandante da Aman foi Isser Beerli, que responde diretamente ao chefe do Estado-maior.

[...] Muitos países que possuem ministérios da Defesa e uma maior integração das Forças Armadas criaram também agências de inteligência de defesa para apoiar os Estados-maiores integrados e os ministros. São exemplos atuais dessa nova “camada” organizacional o GRU russo, a DIA norte-americana, o Sismi italiano, o Aman israelense e o DIS britânico.

[...] Cada uma dessas organizações centrais de inteligência de defesa apresenta uma escala e abrangência de capacidades operacionais nas áreas de coleta e análise de informações no exterior que é comparável à dos serviços nacionais de inteligência exterior de seus países. Em função disso, é conhecida a rivalidade entre a DIA e a CIA dos Estados Unidos, ou entre o Aman e o Mossad, no caso de Israel.[...] Quando se somam a essas organizações centrais de inteligência de defesa os recursos e agências de inteligência das marinhas, exércitos, forças aéreas e outras forças singulares e comando integrados, fica evidente que o componente militar dos sistemas nacionais de inteligência é de longe o maior e mais complexo do ponto de vista organizacional, correspondendo a algo entre 50 e 80% de todos os recursos de inteligência de qualquer país (CEPIK, 2003, p. 98).

O Serviço Geral de Segurança, em hebraico *Sherut ha-Bitachon ha-Klali*, ou simplesmente Shin Bet, passou a ser o serviço de inteligência interna do país, cujo primeiro diretor foi Isser Harel, veterano do Shai. Até 1967 foi uma agência de menor

atuações políticas em Israel, como Yitzhak Shamir, que foi primeiro-ministro de 1983-1984 e de 1986-1992, também pelo Likud.

porte, que tinha poucos funcionários, e sofria restrições de recursos materiais e financeiros. Apesar disso, desempenhava suas atividades com firmeza e eficácia, devido à mente instintiva e brilhante de Harel, e aos esforços dedicados dos funcionários escolhidos a dedo para lá trabalharem.

O setor de Operações do Shin Bet era dividido em três departamentos: a Segurança Protetora, que consistia na proteção ao primeiro-ministro e outras autoridades políticas, e na guarnição das embaixadas e consulados de Israel em outros países; Assuntos Árabes, que visava controlar possíveis agitações da minoria árabe dentro de Israel¹⁴; e Assuntos Não-Árabes, o maior setor e mais importante, cujas atividades englobavam a contrainteligência e contraespionagem, a vigilância de diplomatas e outras delegações estrangeiras, bem como o combate à subversão de extremistas políticos, principalmente de comunistas.

O Departamento Político do Ministério do Exterior, chefiado por Boris Guriel, foi determinado a coletar informações fora do território de Israel. Os agentes que lá trabalhavam, tinham como principal atividade implantar informantes em outros países, e construir vínculos e alianças com outros serviços secretos. No entanto, o Departamento passou a ser suspeito de corrupção e desleixo dos agentes, que foram acusados pelas outras agências de informações – Shin Bet e Aman – de serem “meros amadores disfarçados de profissionais, raramente contribuindo para a defesa vital de Israel”¹⁵.

Por conseguinte, em 1951 sob as ordens de Ben-Gurion, Reuven Shiloah demitiu Guriel e dissolveu o Departamento. Em seu lugar, foi fundado o *ha-Mossad le-Modiin ule-Tafkidin Meyuhadim*, ou “Instituto de Informações e Tarefas Especiais”,

¹⁴ Durante a Guerra da Independência, em 1948, as forças militares israelenses tiveram como principal estratégia capturar o máximo de aldeias e cidades árabes, com o objetivo de “limpar o interior do país de elementos árabes declarada ou potencialmente hostis e, neste sentido, fornecer uma justificção para expulsar civis” (SHLAIM, 2000, p. 70).

Logo, uma grave consequência da primeira guerra árabe-israelense foi a grande massa de refugiados palestinos, que fugiram para os países árabes vizinhos ou para a Faixa de Gaza e para a Cisjordânia (territórios, na época, pertencentes ao Egito e à Transjordânia, respectivamente, como resultado dos armistícios de 1949) permanecendo um número muito menor de árabes palestinos dentro do território nacional israelense: 92 mil árabes em comparação aos 716 mil judeus (SHLAIM, 2000, p. 95).

¹⁵ RAVIV; MELMAN, 1991, p. 45.

conhecido apenas por Mossad, ou “Instituto”. Seu primeiro diretor foi o seu criador, que também foi um dos fundadores do antigo Shai. Seguindo o exemplo da CIA norte-americana, a nova organização passou a responder diretamente ao primeiro-ministro, não mais subordinado ao ministério do exterior.

A imigração judaica, após 14 de maio de 1948, deixou de ser ilegal. Até ali, existia o bloqueio britânico à entrada de judeus na Palestina que não possuíam o raro visto concedido pelos mesmos¹⁶. Este fato culminou na criação no Instituto para a Imigração, em hebraico *ha-Mossad le-Aliyah Bet*, que, trabalhando junto do Palmach e da Haganah, procurava levar o máximo de judeus para dentro do território, clandestinamente.

Aliyah B era um império econômico e uma obra-prima operacional. O Estado judaico nunca teve qualquer outra coisa parecida: uma vasta organização empenhada no transporte global do patrimônio mais importante de Israel, seu povo. Desenvolvido em torno de uma agência de viagens secreta, Aliyah possuía cerca de sessenta navios e aviões e incontáveis carros e caminhões. Seus movimentos eram muito bem coordenados por uma rede internacional de transmissores de rádio quase-legais.

[...] Alguns de seus aviões tornaram-se os primeiros aparelhos da EI Al¹⁷. Seus navios formaram o núcleo da companhia nacional de navegação de Israel, Zim. A experiência adquirida pelos operadores no mundo inteiro ajudou a nova marinha de Israel. Aliyah B também teve alguns dos melhores falsificadores e agentes de campo de Israel, que o Mossad pôde aproveitar muito bem (RAVIV; MELMAN, 1991, p. 57).

A Aliyah Bet virou, com o tempo, uma instituição clandestina altamente organizada e eficaz, com um orçamento provido de doações de milhares de membros do Yishuv e de judeus e simpatizantes espalhados pelo mundo, que somavam a dezenas de milhões de dólares. “Quantia tão expressiva que teve

¹⁶ A Grã-Bretanha impôs o bloqueio para dificultar a imigração judaica ao protetorado da Palestina. Esta medida foi tomada devido ao fato de que um apoio dos países árabes era geoestrategicamente mais importante que o apoio do Yishuv à Coroa britânica, especialmente com a chegada da 2ª Guerra Mundial.

¹⁷ EI Al é a companhia aérea nacional de Israel, fundada em 1948.

impacto econômico genuíno em algumas regiões portuárias da Europa devastada pela guerra, tão amplo era o sistema de subornos pagos”¹⁸.

Até a criação do Estado de Israel, a Aliyah Bet havia conseguido ajudar milhares de judeus a chegar à Terra Prometida, atuando para o vital objetivo de aumentar demograficamente a população judaica, minoria em comparação à população árabe. O Instituto para a Imigração continuou funcionando durante os primeiros anos depois da independência do pequeno país, que contribuiu para que a população judaica dobrasse.

No entanto, a agência foi desativada por Shiloah em 1952, por não mais ser considerada necessária. O Mossad, então, ficou encarregado da imigração de judeus que habitavam países cuja permissão para emigrar a Israel era negada ou dificultada. Isso acontecia principalmente em países árabes e muçulmanos, mas também em países da União Soviética¹⁹. Nestes casos, agentes eram mandados a tais países a fim de entrar em contato com as comunidades judaicas, e procurar algum meio de trazê-los para Israel.

Reuven Shiloah, o primeiro diretor do Mossad e considerado o “pai da moderna organização dos serviços de inteligência israelenses”²⁰, deixou o cargo de *memuneh*²¹ em 1952, e foi substituído por Isser Harel, até então diretor do Shin Bet. Este criou uma nova organização secreta chamada de Serviço de Ligação,

¹⁸ RAVIV; MELMAN, 1991, p. 56.

¹⁹ A URSS e Israel mantinham bons relacionamentos até o começo da década de 1950, devido ao fato de que o último compartilhava de posturas políticas de esquerda, e que continha uma grande parcela de israelenses de origem russa e de outras etnias do leste europeu em sua população. Porém, após a Guerra da Coreia, Israel passou a adotar uma clara orientação pró-ocidental, na qual refletiu seriamente na relação diplomática com os países da Cortina de Ferro. Diversos destes países passaram a dificultar a emigração de judeus, muitos inclusive cessaram-na totalmente, como no caso da Hungria, Romênia e Polônia. Somado a esse cenário, relatos perturbadores chegaram até Israel acerca do antissemitismo ante o governo de Stalin, o que aumentou a pressão sobre o governo israelense de promover a imigração de seus irmãos soviéticos o mais urgente possível. A URSS possuía, na época, a segunda maior comunidade judaica do mundo, abaixo apenas dos Estados Unidos, cerca de 3 milhões e 6 milhões de pessoas, respectivamente. (RAVIV; MELMAN, 1991, p. 123).

A situação piorou ainda mais após a Guerra dos Seis dias, em 1967, em que a URSS rompeu relações diplomáticas com Israel.

²⁰ FRATTINI, 2008, p. 331.

²¹ Nome em hebraico pelo qual se chama o diretor do Mossad.

encarregada da imigração judaica, cuja responsabilidade foi transferida do Mossad. Esta transferência de atividades ocorreu porque a questão imigratória era considerada de alta relevância na política israelense, e a barreira que vários países impunham à emigração de seus judeus, levou à criação de uma nova agência especializada. Agentes da antiga Aliyah Bet foram chamados de volta ao trabalho que tanto se dedicaram, assim como novos recrutas foram empregados com exagerado cuidado. Prontamente, a nova instituição passou a buscar seus objetivos com o mesmo fervor da antiga Aliyah Bet.

Assim, desde 1948, mas especialmente a partir do começo da década de 1950, a comunidade de informações de Israel passou a ser organizada nos moldes atuais. O Aman responde diretamente ao Estado-maior do exército, enquanto que o Mossad, o Shin Bet e o Serviço de Ligação respondem diretamente ao gabinete do primeiro-ministro, trabalhando prioritariamente para os chefes de governo e de estado, constituindo o âmbito civil da comunidade de informações.

Todas as agências da comunidade trabalham de forma autônoma, mas existe ampla cooperação entre elas. Em 1949, foi criado o *Va'adat Rashei ha-Sherutim*, ou simplesmente *Varash*, que significa "Comitê de Chefes de Serviços". O Varash corresponde a reuniões secretas entre os chefes das agências civis e militar que compõem os serviços de inteligência, cujo propósito é facilitar a cooperação entre eles, e diminuir a possibilidade de erros devido a incompreensões nas trocas de informações, a fim de otimizar tempo e recursos. Há também ampla cooperação entre a comunidade de informações e as Forças de Defesa de Israel, especialmente com a Sayeret Matkal²².

²² Sayeret Matkal é a unidade de elite de comandos das FDI. Foi criada em 1957 e possui um dos treinamentos mais difíceis e letais do mundo. É muito utilizada em operações de alto risco, em ações antiterroristas, resgate de reféns, ou sequestro e assassinatos de alvos militares ou civis. É conhecido por sua participação de lendárias operações junto do Mossad e pela destreza física e mental de seus soldados (também chamados de Sayeret) que carregam a fama de indestrutíveis. A cooperação entre a Sayeret Matkal e a comunidade de informações é admirável. A primeira é utilizada como força operacional para todas as três agências, Mossad, Shin Bet e Aman. Os sayeret geralmente são convocados para trabalharem para as agências secretas civis, após deixarem a vida militar.

“A comunidade de informações de Israel, assim como a de outras nações, é um reflexo da sociedade a que serve e da qual extrai seu poder e inspiração. Cada país possui uma estrutura de informações à sua própria imagem”²³. A sociedade israelense é uma composição de diversas tradições aglutinadas, em razão de que pessoas de diversas partes do mundo deixaram seus países de origem para compor a nova nação. Esta miscigenação é refletida nos serviços de informações, que carrega características de comunidades de informações de outros países, especialmente qualidades britânicas, soviéticas e americanas.

Os britânicos enfatizam a luta de mentes humanas, utilizando mais o *humint*²⁴ do que o uso de alta tecnologia em seus serviços secretos, que são descritos como “elegante, cerebral, sofisticada, cheia de esquemas. Baseia-se em refinadas qualidades humanas: compreensão e inteligência. Pode ser caracterizada como a fidalguia britânica”.²⁵

Já os americanos inseriram o estilo empresarial em seus serviços de inteligência, convertendo-os em uma grande corporação, em que a finalidade é a alta qualidade dos resultados, conseguidos por intermédio de excelente eficiência da metodologia do sistema como um todo. Não há ênfase na virtude do indivíduo, mas sim em todo o conjunto do trabalho em equipe. A alta e moderna tecnologia é amplamente explorada.

Os serviços de segurança soviéticos eram considerados um instrumento de preservação do regime comunista. As características da sociedade soviética eram amplamente refletidas no papel do agente, considerado uma mera engrenagem dentro do grande sistema coletivo, que deveria obedecer cegamente a rígida e

²³ RAVIV; MELMAN, 1991, p. 28.

²⁴ *Humint (human intelligence)* é o termo técnico norte-americano utilizado nos meios secretos para descrever informações obtidas a partir de fontes humanas, ou seja, a partir dos oficiais de inteligência (funcionários de carreira que trabalham para os serviços de inteligência), e suas fontes, que podem ser agentes voluntários ou contratados, ou podem ser simplesmente pessoas comuns (CEPIK, 2003, p.36-40).

²⁵ RAVIV; MELMAN, 1991, p. 29.

hierárquica burocracia. Ambos os norte-americanos e os soviéticos utilizavam²⁶ muito de *sigint* e *imint*²⁷.

Podem-se constatar as características descritas das comunidades de informações das três potências, misturadas dentro da israelense. Os três primeiros *memunehs* do Mossad introduziram, respectivamente, as características britânicas, soviéticas e americanas. O primeiro, Reuven Shiloah, introduziu o *humint* como principal forma de obter informações. Isser Harel melhorou em muito a eficiência da comunidade, impregnando a centralização de comando, a hierarquia, o coletivismo e a noção de que os interesses nacionais devem sempre prevalecer aos individuais. O terceiro *memuneh*, Meir Amit, inseriu o estilo americano, incorporando modernos equipamentos, utilizando a tecnologia como um grande auxiliar das técnicas humanas.

O interessante é que a inserção de novas características não excluiu as anteriores. Houve uma agregação de valores, resultando em uma comunidade totalmente original. Porém, o estilo mais utilizado, até os dias atuais, ainda é o *humint*. Israel é conhecido no mundo da inteligência pelo patriotismo e destreza de seus agentes.

Na verdade, é o caráter israelense que domina a história da comunidade de informações da nação. Acima de tudo, independente de foguetes em órbita, escuta eletrônica ou outras invenções da era espacial, acrescentadas a seu arsenal, Israel sempre se baseou na *humint*. Os recursos humanos dos

²⁶ A Rússia atualmente ainda contém muito da antiga comunidade de informações soviética, e utiliza muito *sigint* e *imint* nos dias atuais, assim como fazia a URSS.

²⁷ *Sigint (signals intelligence)* é a forma de colher informações a partir da interceptação e decodificação de comunicações e sinais eletromagnéticos. Neste ramo é amplamente utilizado os recursos da criptografia (uso de códigos para garantir a inviolabilidade de mensagens) e da criptologia (decifração e/ou decodificação de mensagens interceptadas).

Dentro do *sigint* existe o *comint (communications intelligence)*, que consiste na interceptação e análise de mensagens governamentais, de organizações ou de indivíduos, via ondas de rádio; e o *elint (electronics intelligence)*, que obtém informações através de sinais eletromagnéticos não comunicacionais, emitidos por equipamentos militares ou civis.

Imint (imagery intelligence) é uma das formas mais utilizadas de obter informações, por meio de imagens fotográficas e televisionadas, inclusive a partir de plataformas aeroespaciais. (CEPIK, 2003, p. 40-46).

serviços secretos – seus agentes – é que têm lhe proporcionado a vantagem decisiva. (RAVIV; MELMAN, 1991, p. 30).

Muito esforço foi feito para tornar os serviços de inteligência um serviço judaico. Isso pode ser compreendido ao perceber que a comunidade judaica do mundo como um todo tem uma relação íntima com os serviços secretos. Milhares de judeus espalhados em diversos países foram agentes recrutados, ou seja, agentes que se voluntariaram para espionar pelo Estado de Israel. A própria ideia de proteger os judeus que se encontram longe de sua “pátria histórica”, e de leva-los de volta a ela, consiste em uma obrigação moral e legal dos serviços de informações israelenses.

A fim de ganhar espaço no mundo secreto, e conseguir vantagens para a propagação dos interesses nacionais, a comunidade de informações, especialmente o Mossad, passou a procurar estabelecer vínculos e alianças estratégicas com outros serviços secretos. Foi absolutamente bem sucedido ao se aproximar da CIA americana, MI6 britânico, DGSE francesa e o BND alemão. As alianças foram conseguidas mediante acordos secretos bilaterais de compartilhamento de informações, mas foram facilitadas graças à chantagem emocional acerca das milhares de vítimas judaicas durante o Holocausto, que Israel sabia utilizar muito bem. Esta medida foi especialmente acatada pelo BND, devido à culpa histórica da atrocidade ocorrida.

Contudo, o Mossad desempenhou uma excelente estratégia que o levou ao topo da cadeia da hegemonia das agências secretas. O “Instituto” investiu em alianças periféricas, onde a expressão “o inimigo do meu inimigo é meu amigo” foi muito bem encaixada. Desde Shiloah, o pressuposto de aliar-se com as minorias oprimidas dentro dos Estados árabes procurou ser posto em prática. “Qualquer força que se opusesse ou lutasse contra o nacionalismo árabe era considerada uma aliada em potencial de Israel: a minoria maronita no Líbano, os drusos na Síria, os

curdos no Iraque, e os cristãos no sul do Sudão”²⁸. Destarte, uma ótima relação com os curdos, habitantes das regiões montanhosas do Iraque, foi estabelecida. Conseqüentemente, estes ajudaram três mil judeus iraquianos a migrarem para Israel, sem o consentimento do governo iraquiano, na década de 1960.

Vínculos foram criados com Estados que oficialmente se recusavam a manter relações diplomáticas com Israel, entretanto concordaram em pactuar acordos diplomáticos secretos, com o Mossad como intermediário. São os casos do Irã (antes da revolução de 1979), do Marrocos, Turquia, Etiópia, Cingapura e Indonésia. Em todos estes casos, o Mossad treinou as forças de segurança dos países, e em troca instalou unidades da agência em seus territórios e teve acesso às comunidades judaicas que ali viviam, a fim de promover a emigração destes a Israel. Graças a estas medidas, o Mossad ampliou significativamente seu poder de infiltração na Ásia e na África, tendo ampliado acesso a informações, e aumentando seu poder de influência mundial. Concomitantemente, o número de imigrantes aumentou consideravelmente ao longo dos anos.

No entanto, a imigração constante de judeus para Israel desfechou em um problema para a comunidade de informações. Junto das levas de novos cidadãos que imigravam e passavam a integrar a sociedade israelense, vinham diversos espões infiltrados, oriundos especialmente da União Soviética. Devido à sua posição estratégica e ao seu relacionamento especial com o Ocidente, Israel era um ótimo alvo, facilitado ainda mais por sua sociedade multiétnica. Esta realidade foi arduamente combatida pelo Shin Bet, que, ao longo dos anos, aperfeiçoou a arte da contraespionagem com maestria.

Uma grande reviravolta na situação político-militar de Israel modificou profundamente o Shin Bet, após a Guerra dos Seis dias em 1967. Com a massacrante vitória de Israel na guerra que marcou profundamente a história das FDI, o país passou a controlar o Sinai e a Faixa de Gaza, outrora pertencentes ao Egito, as Colinas de Golan da Síria, e a Cisjordânia, antes parte do Reino Hashemita

²⁸ RAVIV; MELMAN, 1991, p. 100.

da Jordânia. Apesar do triunfo e euforia sentidos pelos israelenses com esta conquista, o novo cenário acabou virando um novo problema.

A Faixa de Gaza e a Cisjordânia abrigavam cerca de 400 mil e 600 mil palestinos respectivamente. Agregar tais territórios ao território israelense significaria adicionar cerca um milhão de palestinos árabes à população israelense, o que ia contra todas as premissas sionistas do Estado. Assim, a solução encontrada foi a ocupação militar destes territórios. Não houve incorporação jurídica ou política das regiões, deixando os habitantes subjugados em um limbo jurídico, que perdura até os dias atuais. Israel concedeu autonomia administrativa aos palestinos, porém a segurança era promovida pelos israelenses.

Os palestinos, porém, não aceitaram pacificamente a nova administração israelense, e passaram a lutar de todas as formas que podiam, sob os comandos da OLP, especialmente sobre a forma de terrorismo. Conseqüentemente, o Shin Bet foi incumbido da função de combater a subversão nestes locais e de promover a ordem. Aquela que era, até então, uma agência pequena e anônima, ofuscada pelo Mossad e pelo Aman, cuja principal função era vigiar espões estrangeiros e conter a subversão interna, teve, subitamente, suas atividades dobradas.

Carecendo de uma decisão política sobre a terra, o comitê Varash foi obrigado a adotar uma política administrativa de “cenoura e porrete”, destinada a preservar o *status quo* ao mesmo tempo mantendo a ordem como a maior prioridade. Numa tentativa de afastar a maioria dos palestinos da perigosa minoria subversiva, os chefes dos serviços secretos decidiram que os habitantes teriam permissão para conduzir suas vidas normalmente. Era a cenoura.

O porrete era a política de punição, com todo o rigor, de qualquer pessoa que participasse de subversão ou violência expressa. Os palestinos que ajudavam guerrilheiros eram punidos com prisões e a destruição de suas casas. [...] Perder a casa já era punição bastante rigorosa, mas a penalidade mais grave e decisiva à disposição do Shin Bet era a expulsão. Desde as primeiras semanas de controle [...] os residentes árabes suspeitos de ligações com a OLP foram escoltados através das pontes para a Jordânia e proibidos de voltar. (RAVIV; MELMAN, 1991, p. 189).

Antes da vitória de 1967, o Shin Bet continha apenas quinhentos funcionários. O ambiente era altamente familiar e harmonioso. Com as novas funções, a pequena

agência teve que superar o despreparo funcional e estrutural, aumentando significativamente sua estrutura e seus modos de trabalho. Em pouco tempo as dificuldades foram superadas, e a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, outrora territórios desconhecidos a eles, estavam cobertas de uma ampla rede de informantes e agentes, nas quais a maioria era árabe. O Shin Bet se transformou em uma força descomunal dentro dos territórios, oprimindo fervorosamente os habitantes árabes. Os agentes se tornaram cada vez mais confiantes e arrogantes.

Quase como num regime feudal, cada operador israelense recebia sua própria região, em geral uma aldeia ou grupos de aldeias. Ele tinha que ser os olhos e ouvidos de Israel, sabendo de tudo o que acontecia em seu feudo. O operador era treinado a conhecer a maioria dos aldeões pelo nome, enquanto eles o conheciam apenas por um pseudônimo. [...] Se um palestino queria uma licença para construir, o governo militar nos territórios ocupados primeiro consultava o controlador local do Shin Bet. (RAVIV; MELMAN, 1991, p. 191).

Os territórios ocupados ficaram conhecidos como o “país do Shin Bet”, que possuía os seus próprios centros de detenção para a parcela palestina da população, que eram submetidos a terríveis interrogatórios. Os métodos de segurança aplicados resultaram em um duplo padrão de justiça, que separava a população: de um lado, os colonos israelenses, que usufruíam da democracia do Estado de Direito de Israel; do outro, os palestinos, que usufruíam de uma justiça totalmente diversa: a política da “cenoura e porrete”. Para o Shin Bet, a guerra ao terrorismo palestino era prioridade, e a luta defensiva passou a ser ofensiva, de modo a prevenir ataques.

Não foi apenas o Shin Bet que sofreu uma drástica mudança após a guerra árabe-israelense de 1967. Toda a comunidade de informações passou a sofrer a “doença da arrogância”, especialmente a agência militar, Aman. Os dirigentes das agências, assim como os políticos do Knesset, sustentavam a ideia de que os países árabes não voltariam a atacar Israel, ao perceberem a sua superior capacidade bélica. A capacidade árabe foi subestimada, e a negligência com que os

serviços de informação trataram seus adversários resultou na guerra surpresa que quase custou a perda de Israel: a guerra do Yom Kippur, em outubro de 1973.

Desde outubro do ano anterior até o estouro da guerra que pegou os israelenses de surpresa no feriado mais sagrado do judaísmo, o Mossad voltava grande parte de seus esforços para a caça vingativa²⁹ dos terroristas do Setembro Negro³⁰. Estes, em setembro de 1972, atacaram a equipe olímpica de Israel pela madrugada, durante as Olimpíadas de Munique, e mantiveram-nos como reféns durante quase 24 horas. Devido a falhas técnicas da polícia de Munique, o resgate dos reféns foi mal sucedido, resultando na morte de todos eles, somados nove atletas.

Após o massacre de Munique, a primeira-ministra Golda Meir e seu governo criaram o Comitê X, uma comissão judicial tão secreta, cuja existência era desconhecida inclusive para o Supremo Tribunal de Justiça de Israel. O comitê desempenha o papel de tribunal marcial e julga os acusados *in absentia*.

A primeira-ministra israelense, Golda Meir pediu ao “Comitê X” um plano para responder ao massacre. A recomendação foi clara: a execução de todos os membros do Setembro Negro que participaram do atentado de forma ativa ou mesmo indireta. Cumprindo sua promessa de vingança, Israel saiu à caça dos terroristas através do Mossad que organizou vários grupos de matadores profissionais. A missão vingadora recebeu o apelido de “Ira de Deus”. (MONTEIRO, 2015, p. 121-122).

Enquanto os *katsas*³¹ do Mossad percorriam a Europa, África e o Oriente Médio à procura dos alvos da Operação Ira de Deus, a fim de executá-los, o Aman recebia sinais cada vez mais evidentes de que as forças armadas egípcias vinham

²⁹ Desde a década de 1960, o Mossad passou a conduzir operações especiais que visavam a localização de ex-nazistas, com o objetivo de vingar as milhares de vidas perdidas durante o Holocausto. A operação mais conhecida é a Garibaldi, em que sequestrou Adolf Eichmann, que foi condenado à morte em Jerusalém. Desde então vários alvos foram determinados pelos assassinos do Mossad, conhecidos como *Kidon* (baioneta), para serem sequestrados ou assassinados.

³⁰ Grupo terrorista palestino. Tiveram origem dos sobreviventes aos massacres por parte do governo jordaniano em campos de refugiados dentro do território da Jordânia, em setembro de 1970, cujas principais vítimas foram mulheres e crianças. O episódio ficou conhecido por Setembro Negro, cujo nome o grupo terrorista se apropriou.

³¹ Oficiais dos serviços especiais do Mossad.

se reorganizando e fortalecendo, com o auxílio cada vez maior da União Soviética. Apesar de haver disponibilidade de informação, estas foram mal interpretadas pelos analistas da inteligência militar, que enviaram a Avaliação Nacional de Informações³² ao gabinete do primeiro-ministro, cheia de distorções da realidade.

A falta de previsibilidade, cuja causa estava na excessiva confiança por parte da comunidade de informações e também dos políticos, resultou na morte de 2.838 israelenses³³. Por conseguinte, a comunidade de informações militares sofreu uma reforma, onde seu vasto poder foi reduzido. No meio político também houve mudanças, na qual Meir foi substituída por Yitzhak Rabin. Porém, o maior dano causado foi que a invencibilidade, tanto do exército quanto dos serviços secretos, passou a ser questionada dentro e fora de Israel.

Até então, os serviços de inteligência eram muito mais desconhecidos. Havia uma aura de mistério que os escondia do mundo e principalmente dos próprios israelenses. Existia, porém, uma confiabilidade inabalável por parte da população de Israel para com seus serviços secretos. A partir da guerra do Yom Kippur, esta confiança foi abalada, e a curiosidade para saber sobre seus segredos aumentou. O brilhante resgate, por parte do Mossad e da Sayeret Matkal, de reféns judeus sequestrados em um avião da Air France e levado até o aeroporto de Entebbe, na Uganda, em 1976, melhorou a reputação dos meios secretos de Israel perante a sua população. No entanto, a partir da década de 1980, houve significativas transformações.

Com a mudança de partidos políticos, houve uma mudança na perspectiva política de Israel. A Guerra do Líbano, em 1982, comandada por Menachen Begin e Ariel Sharon³⁴, acabou se revelando uma decisão política extremamente impopular pelos próprios israelenses. Um dos piores fatos da guerra foi o massacre dos

³² Documento assinado pelo chefe do Aman, enviado anualmente ao gabinete do primeiro-ministro que contém análises dos fatores econômicos, militares e políticos do período, a partir das informações coletadas, e uma previsão baseada nelas que aponta para a alta ou baixa probabilidade de guerra ou paz.

³³ SHLAIM, 2003, p. 365.

³⁴ Primeiro-ministro e ministro da defesa, respectivamente, membros do partido Likud.

campos de refugiados palestinos de Sabra e Shatila. Apesar de terem sido perpetrados pela milícia falangista³⁵ e não pelos israelenses, houve a concessão desses para que ocorresse o ataque, pois o exército israelense fazia a segurança externa do campo. O fato causou sentimentos de repulsa diante do povo israelense, e a fama internacional do país foi seriamente abalada.

Ainda na década de 1980, sucessivos escândalos abalaram ainda mais a reputação das agências de inteligência. Os brutais métodos do Shin Bet dentro dos territórios ocupados passaram a ter mais atenção dos meios de comunicações do país, especialmente após a *intifada*³⁶ palestina. Porém, desde a criação do Estado, a imprensa israelense sofria duras censuras militares. Os assuntos acerca dos serviços secretos eram extremamente censurados.

[...] É característica singular entre as nações democráticas, já que Israel é o único país com censura militar contínua e institucionalizada.

[...] O censor e sua equipe podem ordenar que publicações sejam fechadas. Já fizeram isso no caso de jornais hebraicos em 1952 e no escândalo do Shin Bet em 1984. As ordens de fechamento são mais frequentes para a imprensa árabe, em Jerusalém e nos territórios ocupados – ainda mais desde o início da *intifada*, em 1987. (RAVIV; MELMAN, 1991, p. 429).

Com amplos poderes o governo israelense administra seu país e seu povo com mãos de ferro, utilizando de mecanismos como o Shin Bet para controlar as forças centrífugas que podem ameaçar a ordem, tanto nos territórios ocupados quanto dentro do país; como o Mossad para assassinar inimigos fora de seu território, configurando o “braço longo da justiça de Israel”³⁷; e como a censura militar, para evitar questionamentos. “As autoridades usam seus poderes não

³⁵ A Falange Libanesa consistia em uma milícia chefiada pela poderosa família Gemayel, de etnia cristã maronita. Bashir Gemayel tinha ambiciosos desejos de tomar o poder do Líbano, unindo-se a Israel durante a guerra de 1982, com a intensão de que o país o ajudasse alcançar seu objetivo. Quando Gemayel foi assassinado, ao final do conflito, a milícia falangista atacou os acampamentos de refugiados palestinos, em um ato de vingança.

³⁶ A *intifada* correspondeu a levantes populares palestinos que se ergueram contra a opressão militar na Faixa de Gaza e na Cisjordânia, na qual as principais armas utilizadas pelos palestinos foram pedras, usadas contra as FDI.

³⁷ FRATTINI, 2008, p. 18.

necessariamente para proteger segredos relacionados com a defesa nacional, mas também para encobrir fracassos constrangedores”³⁸.

Em 1974, foi aprovada pelo Knesset a Lei da Escuta Secreta, institucionalizando o sistema de escutas por órgãos governamentais, em que “se autorizava legalmente a polícia, o Shin Bet e o Aman a plantar microfones e grampear telefones, de acordo com as suas necessidades”³⁹. A justificativa para tais atos antidemocráticos é de que Israel vive em constante risco iminente de guerra, cercado por vizinhos hostis e constantemente ameaçado por ataques terroristas, portanto, são necessárias medidas extremas, mesmo que signifique a repressão à democracia, liberdade de expressão, autodeterminação dos povos, direitos civis e Humanos, em nome da proteção do país e do povo de Israel.

Ao entender a fundo a mentalidade revisionista do sionismo, que perdura até os dias atuais, percebe-se que na realidade, a paz nunca foi uma situação procurada pelos líderes políticos de Israel, tanto líderes de esquerda, quanto os de direita. A paz sempre foi vista, desde antes da criação do Estado, como uma condição futura, que só seria possível através de uma muralha de ferro, ou seja, de uma imposição militar sobre seus inimigos, até que estes perdessem toda esperança de lutar contra Israel. Só então, a paz poderia ser negociada. Em momento algum, desde o início das colonizações judaicas, até os dias atuais, percebe-se uma tentativa de diálogo séria com os palestinos. Apesar dos Acordos de Camp David e de Oslo, não se percebe uma mudança fática no modo de vida daqueles que vivem em Gaza ou na Cisjordânia.

A visão de Jabotinsky ainda se faz presente nos meios políticos de Israel, e a Muralha de Ferro foi construída com sucesso, através das poderosas Forças Armadas e policiais, e dos serviços de inteligência, compondo os temíveis olhos invisíveis da Muralha. Se ela realmente conseguirá dominar seus inimigos implacavelmente como pensava Jabotinsky, apenas o futuro dirá. A questão é: será

³⁸ RAVIV; MELMAN, 1991, p. 438.

³⁹ Ibid, p. 439.



que a existência das duas nações – israelense e árabe – sem a paz, poderá ser prolongada até que este dia chegue?

REFERÊNCIAS

BAR-ZORAR, Michael; MISHAL Nissim. *As Grandes Missões do Serviço Secreto de Israel*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Solomon, 2014.

BREGMAN, Ahron. *Israel's Wars: a History since 1947*. 2ª edição. Nova York: Routledge, 2004.

CEPIK, Marco A. C. *Espionagem e Democracia*. 1ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

COSTA, Wanderley Messias. *Geografia Política e Geopolítica: Discursos sobre o Território e o Poder*. 2ª edição. São Paulo: Edusp, 2008.

FRATTINI, Eric. *Mossad: Os Carrascos do Kidon*. 1ª edição. São Paulo: Seoman, 2014.

MONTEIRO, Beth. *O Príncipe Vermelho e o Setembro Negro: A Guerra nas Sombras*. 2015.

RAVIV, Dan; MELMAN, Yossi. *Todo espião um príncipe: a história do serviço secreto de Israel*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

SHLAIM, Avi. *A Muralha de Ferro: Israel e o Mundo Árabe*. Rio de Janeiro: Fissus, 2004.

THOMAS, Gordon. *Gideon's Spies: The Secret History of The Mossad*. Nova York: Thomas Dunne Books, 2009.